



Introdução: O eco de uma frase esquecida

«*Transit gloria mundi*» — «Assim passa a glória do mundo.» Uma frase curta, antiga, solene. Soa como um sino distante, ressoando através dos muros do tempo. Mas... o que ainda pode nos dizer hoje, em um mundo que corre, brilha e grita sob luzes artificiais e promessas vazias? Qual o significado dessa máxima latina em uma época obcecada por sucesso, imagem, velocidade e poder?

Este artigo não é um canto fúnebre, mas um guia espiritual. Um convite a parar, a olhar a vida com outros olhos – a perceber a fugacidade da existência, o brilho efêmero da grandeza humana – e a descobrir a luz verdadeira que não se apaga: a luz que vem de Deus.

1. Origem e contexto: O sussurro da eternidade na Roma barroca

A frase «*Transit gloria mundi*» tornou-se particularmente conhecida no século XVII, durante as cerimônias de coroação papal. Durante a solene procissão na Basílica de São Pedro, enquanto o novo Papa era levado em triunfo, um cerimonialista aproximava-se dele três vezes com uma tocha acesa. A cada vez, acendia um punhado de estopa (material inflamável), erguia-o diante do Papa e proclamava solenemente:

«*Pater Sancte, sic transit gloria mundi.*»

(«*Santo Padre, assim passa a glória do mundo.*»)

Um gesto profundamente simbólico: justamente no momento de maior exaltação humana — a subida ao trono de Pedro — o Papa era lembrado da brevidade de toda grandeza terrena. Um chamado contra a vaidade, um antídoto contra o orgulho espiritual, um convite à humildade cristã.

Mas a origem dessa frase vai além da liturgia. Seu espírito já aparece nas Escrituras, como no livro do Eclesiastes: «Vaidade das vaidades, tudo é vaidade» (Ecl 1,2). E até os romanos sabiam que triunfos, palácios e coroas acabam virando pó.



2. Significado teológico: A glória que não passa

No fundo, «*Transit gloria mundi*» não é uma frase pessimista. Ela é profundamente teológica. Um convite a olhar além do visível.

A glória do mundo passa... mas por quê? Porque ela não é eterna. Não pode ser. Tudo o que é criado — por mais belo, grandioso ou desejável que seja — está destinado a passar. Só Deus é eterno. Só n'Ele está a verdadeira glória.

Jesus Cristo é a revelação suprema dessa verdade. Ele, o Filho de Deus, «não considerou como usurpação ser igual a Deus, mas esvaziou-se a si mesmo» (Fl 2,6-7). Sua glória não se manifestou em tronos ou exércitos, mas na Cruz. O Calvário foi o seu trono, a madeira sua cetro, os espinhos sua coroa.

E ali Ele nos ensina: a verdadeira glória não é a que ofusca os olhos do mundo, mas a que arde no coração purificado pelo amor, pelo sacrifício e pela humildade.

3. «Transit Gloria Mundi» hoje: Um remédio para o ego do século XXI

Vivemos numa época que glorifica o oposto: o sucesso rápido, o reconhecimento público, o poder, a influência, a juventude eterna. Somos ensinados a criar uma “marca pessoal”, a medir nosso valor por seguidores, conquistas, beleza, dinheiro... Tudo isso pode ter seu lugar, mas não pode ocupar o centro de nossa vida.

O problema não é ter glória mundana, mas esquecer que ela passa. Quando acreditamos que nossa identidade depende dela, construímos sobre areia. Quando a buscamos como fim último, caímos na armadilha do ego.

É aí que «*Transit gloria mundi*» se torna um farol. Uma frase purificadora, que recoloca sucessos e fracassos na perspectiva certa. Ela nos lembra que até mesmo as maiores conquistas passam. E isso não é triste — é libertador. Porque, se a glória do mundo passa, não precisamos nos agarrar a ela. Podemos voltar nosso olhar para o que permanece: Deus, a alma, a virtude, a caridade, a verdade.



4. Aplicações espirituais: Viver com os pés na terra e a alma voltada para o céu

Como viver essa sabedoria no dia a dia? Aqui vão algumas sugestões práticas e espirituais:

a) **Praticar a humildade**

Reconheça que todos os dons vêm de Deus. Se você tem talentos, beleza, sucesso, alegria... seja grato, mas não idolatre. Coloque tudo a serviço dos outros.

b) **Escolher a simplicidade**

Você não precisa ter mais para ser mais. A simplicidade — não como miséria forçada, mas como liberdade interior — é caminho de paz. São Francisco de Assis é um exemplo luminoso disso.

c) **Viver o presente com os olhos na eternidade**

Aproveite os dons do momento presente, mas sem fazer deles um ídolo. Lembre-se: tudo passa. Só o que é feito com amor permanece.

d) **Cultivar a virtude, não a imagem**

Hoje se investe muito em aparência. Mas a verdadeira beleza está no caráter. A santidade — mesmo sem curtidas — é uma glória que nunca se apaga.

e) **Memento Mori: Lembra-te da morte**

Não como ameaça, mas como bússola. Pensar na morte nos ajuda a viver melhor. Impede que adiemos o perdão, o amor, a conversão. Liberta-nos do superficial.



5. Ressonâncias litúrgicas e monásticas: Onde essa frase ainda vive

Embora já não se use nas coroações papais, a frase ainda ressoa na liturgia da Igreja, especialmente na Quaresma e na Semana Santa. Na Quarta-feira de Cinzas, ouvimos:

■ «*Lembra-te de que és pó, e ao pó voltarás.*»

Também vive nos mosteiros, onde monges praticam o *memento mori*, conservam caveiras em suas celas ou meditam sobre a morte — não por obsessão, mas por sabedoria.

Os santos, especialmente os Padres do Deserto, entenderam que a consciência da brevidade da vida não leva ao desespero, mas à liberdade profunda — a liberdade de viver para a eternidade.

6. Conclusão: Além do pó, a luz

«*Transit gloria mundi*»... Sim. Assim passa a glória do mundo. Mas nem tudo passa. A fé permanece. O amor permanece. A Cruz permanece. E Cristo, Rei humilde e glorioso, nos espera ao fim da estrada, de braços abertos.

Essa frase não é um ponto final, mas um recomeço. Não é uma lápide, mas uma semente. Ela nos lembra: enquanto o mundo corre atrás de glórias passageiras, podemos escolher outra — uma glória que não ofusca, mas ilumina; que não é aplaudida, mas salva; que não se apaga, porque vem do coração de Deus.

E você — por qual glória está vivendo?